

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR  
JOÃO ADELINO DIAS PENA

ANO I

N.º 49

DOMINGO - 16 de Maio de 1954

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 24

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 69

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

## O AZEITE ALGARVIO SOFRE ANUALMENTE

uma desvalorização de 9.000 contos

devido à acção nefasta da mosca

NÃO há muito tempo, uma sumidade médica estrangeira, vinda a Lisboa, dizia a um português doente do estômago, que se lhe queixou, que os meridionais da Península Ibérica sofriam de uma doença peculiar aos que se utilizavam, como alimento, do azeite, porque este é uma gordura muito grata ao paladar, mas que, indiscutivelmente, possui dentro de si uma arma insidiosa — a acidez livre.

Dizem os médicos bromatologistas, como o prof. do Instituto S. H. Ricardo Jorge, o Dr. Bernardino de Pinho, que desde os princípios do século XX se vem reconhecendo que o azeite com mais de 1,95 de acidez livre é nocivo à saúde.

O falecido prof. Dr. Ferreira de Mira disse-nos que «o azeite com certa proporção de ácido livre é nocivo, porque aumenta a acidez gástrica, perturbando as digestões e criando meio

próprio para desenvolvimento das úlceras de estômago. E a verdade é que se observa que, quando um doente é operado ao estômago, por motivo de úlcera, o médico retira-lhe logo a alimentação com azeites de qualquer acidez».

Em Portugal pode-se consumir azeite com 5,2 graus de acidez livre.

Tem-se observado que as substâncias gordas que fundem a temperatura mais baixa (como por exemplo os azeites, líquidos, à temperatura ordinária), resultam mais digeríveis do que as substâncias gordas que são pastosas à temperatura ordinária, com a única excepção da manteiga.

As características que um óleo vegetal deve reunir, para se avaliar optimo na alimentação humana, são as seguintes:

1.ª — Possuir um alto teor em ácido oleico (de que é constituída a gordura do corpo humano);

2.ª — Encontrar-se líquido à temperatura ordinária;

3.ª — Possuir um baixo teor de ácidos gordos livres e não ter ranço.

4.ª — Ter um poder secante muito reduzido, o que equivale a dizer, um baixo índice de iodo.

O azeite de oliveira, que entre os óleos vegetais oferece a mais alta percentagem de ácido oleico, além do valor alimentar, derivado da sua compo-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## Dr. António de Sousa Pontes

Com o magnífico estudo sobre o Azeite algarvio, que hoje publicamos, inicia a sua colaboração no «Notícias do Algarve» o nosso ilustre comprouviano, sr. Dr. António de Sousa Pontes, licenciado em Ciências Económicas e Financeiras e perito contabilista.

Apaixonado pelos problemas económicos da nossa província, como bom algarvio que estremece o nosso Algarve, o sr. Dr. António de Sousa Pontes tem realizado estudos muito valiosos sobre a economia regional, quer por iniciativa própria, quer porque assim o reclama a sua qualidade de director da Casa do Algarve, que lhe confiou, em grande parte, os estudos da economia da nossa província.

## Pela Vila

### Iluminação Pública

Deve ser inaugurada, muito brevemente, a nova modalidade de iluminação da Rua Teófilo Braga, iniciativa do digno vereador municipal, sr. António da Cruz Martins.

Já se encontram colocados os 20 candeeiros de ferro forjado, os quais conterão lâmpadas de 200 vátios, dentro dum globo de cor branca.

O desenho dos mesmos, inspirado em motivos marítimos, deve-se ao artista local, sr. José de Lima, filho do mestre e proprietário da oficina de serralharia e fundição, onde os artísticos candeeiros foram executados.

Congratulamo-nos por este novo melhoramento, que bastante vem embelezar a principal artéria comercial da nossa terra.

Permitimo-nos chamar a atenção dos serviços municipais competentes, para a deficiente iluminação que se verifica nos extremos norte e sul da Avenida da República.

Igualmente seria de grande conveniência a instalação de mais uma lâmpada, no meio do aglomerado suburbano, conhecido por Bairro das Ciganas.

### Praça Marquês de Pombal

E' notado, e com certa razão, o mau aspecto apresentado pelas cercaduras de protecção às novas árvores que circundam a nossa linda praça, as quais, posto que provisórias, destoam do conjunto.

Com umas demãos de tinta, juntariam à sua reconhecida utilidade um ar mais agradável e consentâneo com a dignidade da nossa «sala de visitas».

Da nunca desmentida boa vontade dos serviços camarários, aguardamos a devida atenção às deficiências apontadas.

### Comparticipação

Foi concedida à Câmara Municipal desta vila uma participação de 100.800\$00, pelo Fundo de Desemprego, para a construção do caminho de acesso à praia de Santo António.



Um aspecto do almoço de homenagem ao sr. Juiz-Conselheiro Dr. João Bernardino de Sousa Carvalho, realizado na Casa do Algarve

## NA CASA DO ALGARVE

### A HOMENAGEM AO JUIZ-CONSELHEIRO

## DR. SOUSA CARVALHO

decorreu com grande brilho e entusiasmo

ALGARVIOS de todos os pontos do País se reuniram na Casa do Algarve, para homenagear o nosso ilustre amigo, sr. Conselheiro Dr. João Bernardino de Sousa

Carvalho, que já fora alvo de uma homenagem na nossa terra, como oportunamente noticiámos, e que fora igualmente homenageado em Lisboa pelos seus antigos condiscipulos. E' difícil dar nota de todas as figuras, quer do Algarve quer de outras regiões, que tomaram parte no almoço ao prestigioso magistrado. Cerca de 180 pessoas representando os mais diversos sectores de actividades — magistrados, professores, jornalistas e homens de letras, médicos, engenheiros, oficiais do Exército, industriais, funcionários, empregados comerciais e bancários, etc. A mais volumosa de todas as representações era, como não podia deixar de ser, a da nossa terra. O melhor da colónia pombalina na capital esteve presente nesta homenagem ao filho ilustre

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Visado pela Comissão de Censura

## POETAS ALGARVIOS

### OS ESQUECIDOS

DENTRO do coração dos homens de letras, existe um escrínio precioso que contém uma variedade de imagens de mulher, qual delas a mais bela e sedutora.

Essas mulheres habitam na alma dos letrados, como seres palpáveis e encantadores que os acompanham nas noites frígidas e nos dias cálidos, com a tentação de fadas milagrosas que os arrastam por um mun-

do de sonhos, venturas, alegrias e, não poucas vezes, de amarguras e sofrimentos.

Participaram desse estado de alma, saudável e doentio, Camões, Garrett, Camilo, Antero e Gomes Leal. Se passarmos os olhos pela França, ali descobrimos Balzac, Hugo, Verlaine e outros idealistas, engolfados no mesmo prazer e tirania. Da Itália, pode copiar-se uma dezena de literatos, poetas e prosadores, que sofreram da mesma doença oculta e amorosa. Dante, Petrarca, Leonardo de Vinci, Gabriel de Annunzio e tantíssimos pintores, músicos e oradores...

O amor não será também uma arte de refinada concepção espiritual ou um poder avasalador alheio às nossas faculdades de pensar e sentir?!

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## RIDENDO...

### OUVINDO OS ESPECTROS...

POOR muito que pese à incredulidade positivista de alguns, estamos em crer que não é totalmente desprovida de fundamento a consabida crença de que, nos páramos etéreos, as sombras dos que já ultrapassaram a fronteira das humanas misérrimas continuam ainda a preocupar-se com os assuntos que, em vida, os apaixonaram outrora.

Fundadas razões temos para julgá-lo, baseadas num caso ocorrido conosco. Atribua-se ao céptico, à vontade, aos vapores etílicos, a mitomania alucinatória ou a delírio onírico do plúmfito. Pensem o que quiserem — não lho levaremos a mal — mas o que não podemos, porém, é deixar de referir a singular aventura de que fomos comparsa, a qual nos deu ao presente reportagem, para edificação dos espiritos simples e receptivos. Aparte algumas modificações nos vocábulos mais obsoletos do linguajar arcaico das personagens históricas intervenientes, que transvertemos para outros mais acessíveis ao comum dos leitores, garantimos a autenticidade subjectiva do relatado sonho, devaneio ou o que preferiam.

Foi o caso que, deambulando pela praça, há dias, reparámos em que, junto ao obelisco, se encontravam dois homens, ambos de complexão robusta e de idade já madura. Um deles, o mais alto, tinha longa barba grisalha, de veneranda imponência. O outro, mais velho, de rosto glabro e nariz acentuadamente aquilino, cujas feições denotavam altiva soberberia, pelo vinco autoritário que lhe modelava a boca, numa expressão de permanente sarcasmo, acusava o tique de levar, intermitentemente, aos olhos miopes, uma coruscante

luneta de cabo de tartaruga, em relancear de falcão inquisidor. Perto do nariz, avultava uma verruga, a marcar mais uma característica de personalidade, no facies voluntarioso de grão-senhor.

Curioso, como todo o repórter que se preza, e farejando assunto palpitante, aproximámo-nos, discretamente, do dueto, a tempo de ainda surprendermos o resto dum frase colérica do cavalheiro da luneta: «... o que eles fizeram da minha praça!»

Esta era das boas! Seria maluco o sujeito, que se permitia apostrofar os remotos perturbado-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## INDÚSTRIA DE CONSERVAS

### DE SARDINHAS

O nosso prezado colega «O Setubalense» transcreveu a carta da América do Norte, que publicámos há semanas, classificando-a de interessante e salutar aviso à indústria. Agradecemos.

## Conta-Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

### Apontamento

As escadinhas que sobem para S. Cristóvão. Tardinha. Muita gente. Gente que regressa a casa, rostos sérios, graves. Gente moída. E' isso: moída... A carreira desenfreada, ingloria. O pão para a boca. O pão necessário para que a carreira desenfreada, ingloria, recomece no dia seguinte. Um cego, no cimo da escadaria, saca da concertina uma melodia de que não pode alcançar as raízes. Na rua estreita, rua inverosímil, uma voz de mulher grita da janela: «O' Joãoááá!» A peixeira, sentada no degrau, revira nos dedos o peixe que não vendeu. O dia esmorece ainda mais. Na rua estreita florescem lampiões que, de longe, parecem cercados de neblina.

### Discípula

A palmeira aqui defronte. O tronco forte, direito, a caminho do céu. Que nenhum vento quebra ou amacia. Damo-nos bem, eu e esta palmeira. Somos amigas íntimas. Isto é, sou a sua discípula.

### A deformação

A L. sai da escola e demora-se. A lição levou mais tempo... Não tinha carro... Veio a pé, gastou o dinheiro num caderno...

Ontem vi-a num jardim, à tarde. Andava com um rapaziño da sua idade. O rapaziño fumava, com uma das mãos no bolso. Pararam debaixo do caramachão, depois encostaram-se ao tronco de uma acácia, depois debruçaram-se na grade, a olhar o rio, longamente... Separaram-se com um aperto de mão. A cara da L., de radiante, transformou-se em máscara inexpressiva, quando se pôs a caminho de casa.

### Não estamos

No fim dum documentário cinematográfico sobre a explosão da bomba de hidrogénio, o locutor perguntava com uma simplicidade arripante: «Estaremos nós no fim do mundo?» Não, senhor locutor, fique descansado. Não estamos no fim do mundo.

### Diário

Hoje, fiz uma descoberta maravilhosa. Descobri que o malmequer é uma bela flor. Dá-se toda, de braços abertos. Sem preço nem preconceitos raciais. É uma flor que gosta da vida. Já repararam? As gargalhadas dela ouvem-se longe.

### Crítica

Enternecedor, este poeta. Lagosta, champanhe, carnes frias, gulosas. Mas faz dificilmente as digestões, e é por isso que os seus versos são tristes.

### Garroussel

À volta, à volta, à volta, a mesma paisagem, a mesma luz, a mesma poeira, angústia, pesadelos, dias vazios, à volta, à volta, à volta.

### Boite

Da rua, notam-se as lâmpadas verdes, lá dentro, envolvidas em fumo. Sombras dançam. Sombras estão sentadas. Sombras encostam-se à parede. Sombras.

## Dr. Alberto Cruz

Mediante concurso, foi nomeado chefe da secretaria da Câmara Municipal de Portimão o nosso prezado amigo, sr. Dr. Alberto Vicente da Cruz, que desempenhava, anteriormente, as funções de tesoureiro daquele município.

Ao distinto funcionário, apresentamos cumprimentos de felicitações.

## NOTÍCIAS PESSOAIS

## Partidas e Chegadas

De visita a seu primo, sr. Rodrigo Sá de Aboim e Aboim, esteve nesta vila o sr. Cor.-Eng. Manuel Aboim Ascensão de Sande Lemos.

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Eng. M. D. M. Falconer.

De visita a sua família, esteve entre nós o nosso estimado amigo e assinante, em Lisboa, sr. João Cumbreira Centeno de Sousa.

Esteve alguns dias em Lisboa, tendo já regressado a esta vila, o nosso amigo e assinante, sr. José de Lima.

Deu-nos o prazer da sua visita à nossa Redacção, o sr. Domingó Pereyra Javier, Director da Rádio Alentejo.

Retirou para Lisboa, onde vai prestar o serviço militar, o nosso amigo e prezado assinante, sr. Rogério da Glória Coelho.

Com sua esposa, esteve em Lisboa o nosso estimado amigo e colaborador, sr. Ricardo Lino Correia, gerente da Agência do Banco Nacional Ultramarino, nesta vila.

Teve a gentileza de nos visitar, na nossa Redacção, o nosso colaborador e prezado amigo, sr. João Rodrigues Varela.

Cumprimentámos nesta vila o nosso prezado amigo e assinante, sr. Francisco Araújo Ribeiro, residente em Tavira.

Encontram-se em digressão, pelo nosso país, os nossos prezados assinantes, srs. Eitelberto Viegas Palma e sua esposa, Rúbens Aleixo e sua esposa, Júlio Mateus, a sr.ª D. Maria Rosa Gravanita e as meninas Virgínia Mateus, Maria Baltazar e Lucinda Maria Carlota.

A fim de liquidar a sua assinatura, deu-nos o prazer de visitar a nossa Redacção, o sr. Manuel Caldeira Esteves, 1.º Cabo da Guarda Fiscal, em Almada de Ouro - Azinhal.

## Pedido de casamento

Pela sr.ª D. Maria das Dores Barroso Gomes Sanches, foi pedida em casamento para seu filho, sr. Manuel Barroso Gomes Sanches, a sr.ª D. Maria Eduarda Amor Teixeira Neves, filha da sr.ª D. Alda Ester Amor Teixeira Neves e do sr. Victor Manuel de Aragão Teixeira Neves.

## Casamento

Na igreja de S. João de Deus, em Lisboa, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Natércia Calado Lino Correia, filha da sr.ª D. Maria Isabel Cabrita Calado Correia e do nosso amigo sr. Ricardo Lino Correia, gerente da agência local do Banco Nacional Ultramarino, com o Eng. Agrônomo, sr. Jorge Falcão Caldeira Riques Pereira, filho da sr.ª D. Berta Falcão Rodrigues Pereira e do sr. Coronel Inácio Caldeira Riques, já falecido. Foram padrinhos, por parte da noiva, seus pais e por parte do noivo, sua mãe e seu tio sr. Dr. Jorge de Sousa Falcão Pacheco.

Na Cooperativa Militar, foi servido um finíssimo copo de água, tendo os noivos seguido em viagem para o Norte.

## Doente

Encontra-se doente, com certa gravidade, o nosso prezado assinante, sr. José Caetano Felizardo, empregado superior, da firma V.ª de José Joaquim Cappa & Filhos.

## ÓPTICA

Antes de aviar a vossa receita, deveis consultar a:

Agência Comercial e Marítima do Sul

Avenida da República, 65-66

Vila Real de Santo António

Onde encontrareis valioso sortido, a preços muito convidativos.

## Boletim de "Os José de Portugal"

Recebemos o número referente ao primeiro trimestre do corrente ano, desta simpática publicação. Apresenta o relatório da Direcção, relativo ao ano de 1953, em que, a par da apresentação de contas, informa os associados das suas beneméritas actividades. Entre outra colaboração, insere um artigo do sr. J. Santos Stockler, breve e original reportagem do bode distribuído aos «José» necessitados, na véspera de Natal, pela Delegação daquele Grupo Onomástico, em Faro.

## OS ESQUECIDOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Foram-me sugeridas estas considerações pelo número de senhoras que acorrem aos Jogos Florais. No Algarve, há já um bando de aves canoras que lançam nos salões os seus gorjeios alados e harmoniosos. Cantam, nos seus versos alegres ou melancólicos, as felicidades ou as torturas que povoam a sua imaginação e a sua sensibilidade artística.

E' por isso que lhes dedico esta ligeira referência, como saudação afectuosa de quem cultiva as galas do espírito, com uma serenidade que faz inveja aos novos e transviados...

\* \* \*

Os poetas populares são organizações espontâneas da fauna humana, umas vezes nascidas na miséria que as cerca, e outras, em meios confortáveis. Todavia, pesam geralmente sobre essas criaturas estranhas taras fatais, que as inutilizam para a sua arte instintiva. Uma vibração latente permanece nessas almas melindrosas, exaltando-as ou comovendo-as até à raiz inquieta dos nervos, com vagas crispções de arrebatamento ou de esmorecimento.

O cabo Pinheiro, por exemplo, que viveu em Portimão, foi um desses predestinados da arte. Escrevia sátiras políticas ou amorosas com incrível facilidade. Um dia, veio pedir-me para lhe corrigir uma saudação em verso que dedicou ao Bispo de Trajanópolis, irmão do general que ao tempo era governador militar desta praça. Atendi ao seu pedido, e corriji alguns versos inspirados e errados...

Uma quadra da sua musa insubmissa:

O pardal daninho aos campos  
Nunca aprendeu a cantar,  
Como os ratos e as toupeiras  
penas sabe chiar...

Este pardal era um influente político, que o simpático cabo Pinheiro não poupou com os seus versos satíricos.

Veterano das campanhas liberais, todo se ufanava quando eu lhe dizia que o seu rosto e bigode lembravam os do general e parlamentar, Latino Coelho...

Outro poeta popular também viveu em Portimão. Chamava-se João Andrés. Cultivava, de preferência, o chamado verso branco. Aqui vai uma pequena amostra:

Eu gosto de ti, menina,  
Como o gato de salada...

Este trecho foi o começo dum versalhado irónica que ele escreveu contra uma formosa rapariga que não lhe aceitou os galanteios. Os versos estavam certos, mas o despeito que exalavam, não...

José António Dentinho, valente marinheiro de Olhão, revelou-se também um hábil versificador. Humorista e repentista, Raul Brandão focou-o em um dos seus livros como um dos mais inteligentes contrabandistas da carreira de Gibraltar. A sua imaginação era assombrosa.

António Aleixo, antigo guardador de cabras, foi uma revelação no campo das musas. Em 1945, apareceu «Intencionais», o segundo livrinho de poesias da sua lavra. Contém um sentido e humano prefácio do Dr. Joaquim Magalhães, distinto professor do Liceu de

Faro. Ao acaso, passo pela segunda vez os olhos por estas páginas de quadros simples. Saltam delas fulgores, ironias, remosques e um sabor amargo desse infeliz improvisador que morreu cedo. São pessimismos, gerados naquela filosofia em que António Nobre, Augusto Gil e José Duro temperaram os seus desesperos e as suas desventuras:

Ser artista é ser alguém,  
Que bonito é ser artista,  
Ver as coisas mais além  
Do que alcança a nossa vista!

Do nosso amor, os segredos  
Que tu crês que são só teus,  
Os teus olhos e os teus dedos  
Já disseram tudo aos meus.

Ó quem me dera, sôzinho,  
E em quatro versos sômente,  
Contar ao mundo inteiro  
A mágoa de toda a gente.

Para que te não iludas  
Com amigos, pensa nisto:  
Foi com um beijo que Judas  
Levou à cruz Jesus Cristo.

Pastor e cauteleiro, aqui me tens, a lançar sobre os teus ossos esquecidos um raio de luz fagueira e uma cestada de flores viçosas que a Primavera me ofereceu...

## Marcos Algarve

## Mocidade Portuguesa

## Peregrinação a Fátima

Já regressaram de Fátima os filia-dos que ali foram incorporar-se na grandiosa manifestação de Fé por parte da juventude portuguesa.

Honra-nos de sobremaneira a escolha de um dos nossos filiados para a condução do andor da Virgem durante a procissão realizada.

## Tomada do Castelo de Castro Marim

Tudo se prepara para que a tomada simbólica do Castelo de Castro Marim seja marcha firme de Patriotismo e enaltecimento do Portugal de hoje em recordação sublime do Portugal antigo.

## Campeonato de Futebol da Divisão

Desloca-se hoje a Faro a equipa de Futebol representativa desta Ala a fim de disputar na categoria de iniciados as finais do Campeonato da Divisão.

## Vela

Como prova de iniciação e com vista aos Torneios Anuais a realizar a 28 e 29 do corrente em Lisboa realiza-se hoje pelas 11 horas várias largadas na categoria de «Lusitos». Também, a classe de «Snips», manterá a sua actividade.

## AOS NOSSOS ASSINANTES

Informamos os nossos estimados assinantes, que estão à cobrança os recibos referentes à 5.ª Série do «Notícias do Algarve», n.ºs 41 a 50, pelo que antecipadamente agradecemos o seu bom acolhimento.

Aos assinantes do Estrangeiro e bem assim aos das nossas Províncias Ultramarinas, agradecemos a remessa pela via mais rápida.

## Aos nossos estimados assinantes de Lisboa e Província

Que não pagaram os recibos das assinaturas, na 1.ª cobrança, e não tiveram a atenção de nos remeter a quantia constante do aviso que lhes foi entregue pelos correios, agradecemos que os liquidem, em 2.ª apresentação, pois já foram entregues para esse efeito ou nos enviem as respectivas importâncias em selos de correio.

De contrário, causam-nos prejuízos, não só por não recebermos o dinheiro com que contamos, a tempo e horas, mas também por serem muito elevadas as despesas de cobrança.

## Noticiário da Província

## LUZ DE TAVIRA

## Procissão de Nossa Senhora de Fátima

Na Igreja Matriz desta Freguesia, após a devoção do Mês de Maria, que se está realizando com a assistência de muitos fiéis, realizou-se, na noite de 12 do corrente, uma procissão de velas com uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, em andor artisticamente ornamentado.

No final, o Reverendo Pároco José Arsenio A'guas falou a numerosa assistência sobre a mensagem de Fátima, tendo sido escutado por todos os fiéis com o maior respeito e atenção.

## Casa do Povo

Pelo Fundo Comum das Casas do Povo, foi concedida, para fins de Previdência e Assistência para o corrente ano, a quantia de Esc. 19.320\$00, a esta Casa do Povo.

## Pingue-Pongue

A equipa de Pingue-Pongue da Casa do Povo desta localidade, para retribuir a visita, desloca-se hoje para Vila Real de Santo António, a fim de disputar um torneio com a equipa do Clube Náutico de Portugal, daquela importante vila.

## Clube Columbófilo Luzense

A prova realizada no passado domingo, com a largada em Beja, uma das mais curtas tiradas do calendário deste ano, deu origem a que a chegada dos pombos se fizesse em massa, proporcionando assim um espectáculo engraçadíssimo, pelas correrias dos columbófilos, para a entrega das anilhas respectivas. A classificação dos 10 primeiros classificados foi a seguinte:

1 e 7, Daniel Correia; 2, 6 e 9, Daniel A. Varela; 3, Amândio Massena Fialho; 4, Manuel Faustino; 5, Francisco Xavier; 8, Custódio José do Alto e 10, José de Sousa,

Para a corrida de hoje—Madrid—teve este Clube de recorrer ao rateio, para assim ser satisfeito um maior número de concorrentes. — E.

## ALGÔS

## Livro

Com a participação do comércio e indústria local e ainda das entidades competentes, está em preparação uma agenda, da qual, ao que nos informam, vão constar todas as actividades desta freguesia. No espírito de muito bairrismo em que estamos ligados a esta terra, achamos louvável essa feliz iniciativa, a qual por certo remediara a falta indisculpável dum organização, que se publicou ultimamente. Avante pois, o lema desta terra — foi, é e será — Sempre pelo seu melhor.

## Café Arcádia

Com a bem compreendida autorização dos seus proprietários e para solenizar a homenagem do seu 8.º dia de abertura, o nosso prezado amigo A'lvoro Duarte Gomes ofertou à clientela deste já bem frequentado café, e durante 2 horas, propaganda e amostras das já bem preferidas lâminas de barbear «Punktal». Gesto bastante simpático e que bem caracteriza o seu espírito e dar motivo a que a sua representada tenha, pelas suas reais qualidades, a sua maior venda. Louvamos tal iniciativa, a qual motivou calorosos cumprimentos.

Em nome do nosso jornal, agradecemos a sua gentileza.

## Novo café

Somos informados de que brevemente vai abrir nesta mais um café, procurando-se que o seu arranjo seja de aparência superior, e o seu mobiliário do mais moderno.

Esteve este centro adormecido em tais estabelecimentos, que agora e com prazer verificamos, tem primado no seu melhor apetrechamento. Seja como for, é indicativo de que esta praça prospera e o que justifica tais iniciativas, e ao que nos informam, mais vão surgir.

## Destilaria do Algôs, Lda.

Em ritmo acelerado, encontra-se a instalação desta poderosa organização industrial, e cujos trabalhos se encontram bem adiantados.

Registamos, com prazer. — E.

## BONS IMPRESSOS E CARIMBOS

NA —

## TIPOGRAFIA SOCORRO FÁBRICA DE CARIMBOS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
Telefone 59 Apartado 3

## AGENDA

## MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António

De 7 a 13 de Maio de 1954

## TRAINEIRAS

Flor do Sul	82.010\$00
Leste	80.860\$00
Infante	78.835\$00
Carmela	77.705\$00
Brisa	66.948\$00
Agadão	63.770\$00
Batinha	62.505\$00
Levante	56.130\$00
Norte	51.810\$00
Sam Domingos	48.670\$00
Mirita	46.870\$00
Maria Rosa	44.539\$00
Raulito	42.490\$00
Flora	39.430\$00
Deolinda Rita	38.670\$00
Nice	38.400\$00
Liberta	37.940\$00
Farihão	37.041\$00
Trio	37.020\$00
Lá Rose	34.100\$00
Tufão	31.416\$00
Mexilhão	31.320\$00
Pérola de Lagos	29.780\$00
Pérola do Guadiana	22.270\$00
Cristina Leote	19.065\$00
Sarda	15.500\$00
Janita	14.285\$00
Rosamar	12.400\$00
Pérola Algarvia	9.180\$00
Foia	6.700\$00
Oresse	6.440\$00
Arrifana	5.900\$00
Noroeste	4.920\$00
Praia do Vau	3.885\$00
Portugal VI	3.420\$00
Milita	2.600\$00
Mélinha	2.600\$00
N. Sr.ª da Pompeia	2.600\$00
Briosa	2.450\$00
Carlos Fernando	2.100\$00
Restauração	1.400\$00
Mariazita	1.280\$00
Tenacidade	910\$00
Persistente	880\$00
S. Flávio	150\$00
Total	1.299.194\$00

## CERCOS

Azevedos	34.300\$00
Amazona	25.640\$00
Portimão	21.300\$00
Portugal I	19.390\$00
Portugal V	2.840\$00
Total	103.470\$00

## Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 8 a 14 de Maio:

## Entrados:

COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.

MURTEN, Suíço, de 511 ton., de Casablanca, com carga em trânsito.

ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

## Saídos:

ZÉ MANEL, Português, com minério, para Lisboa.

MURTEN, Suíço, com conservas, para Génova.

COSTEIRO, Português, com minério, para Lisboa.

## FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 15 a 19, a Farmácia CARRILHO, e de 20 a 22 de Maio, a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito - Telefone 31.

## HORÁRIO DE CAMIONETAS

Vila Real - Mértola:  
Saída de Vila Real, às 8,30, chegada a Mértola, às 12,5 horas.

Saída de Mértola, às 17, chegada a Vila Real, às 20,30 horas.  
Estas carreiras realizam-se diariamente.

Vila Real - Faro:  
As 7,25 - (faz ligação com a de Lisboa) - 9,30 - 11,25 - 12,30 - 14,30 - 16,25 - 17,30 18,30.

Vila Real - Martinlongo: (\*)  
Saída de Vila Real, às 16,30, chegada a Martinlongo, às 19,45 horas.

Saída de Martinlongo, às 7, chegada a Vila Real, às 10,15 horas.

Todas estas camionetas passam por Alcoutim.

a) Esta carreira não se efectua aos domingos.

## HAVANEZA

A Casa que proporciona a V. Ex.ª os melhores trabalhos em todos os géneros de

## FOTOGRAFIA

VILA REAL DE STO. ANTONIO

**Torneio Popular de Futebol Inter-Sócios**

O "PORTO" continua no comando da classificação. Lamentável atitude do BEIRA-MAR. A grande lição dada pelo "CELEIRO"

**ATLÉTICO, 2 — FLOR DE LIS, 1**

A'rbítrio: Balbino Madeira.  
Atlético: Mirões; Francisco, Américo e Ferreira; Amândio e Aquilino; Vicente, Salvador, Sezinando, Sanina e Ludgero.

Flor de Lis: Caetano; Farinha, Pedro e Lança; Samúdio e Bernardino; Guimarães, Néné, António, Cândido e Nóia.

A primeira parte terminou com o marcador em 1-0, favorável à Flor de Lis. O golfo foi marcado pelo avançado-centro António.

Na segunda parte o Atlético reagiu conseguindo dois pontos por intermédio de Vicente e Salvador.

O Atlético venceu com inteira justiça e podia ter ganho por maior diferença se os seus avançados tivessem sido mais expeditos no remate.

A Flor de Lis está longe de possuir o «onze» afinado da época passada mas tal não admira se nos lembrarmos que lhe faltam Andrade, Daniel, Marco e outros que constituíam o fulcro da movimentação da equipa.

**PORTO, 3 — BEIRA-MAR, 1**

A'rbítrio: João Vasques.  
Porto: António; Humberto, Afonso e Tomé; Manuel e Parra; Adelino, Antero, Salas, Modesto e Fernando.

Beira-Mar: Trindade; Celso, Carmo e Calvino; Rosa e Pires; Cândido, Travassos, Botequilha, Zeca e Brito.

Quando faltavam 20 minutos para a partida acabar, os jogadores do Beira-Mar abandonaram o campo, em sinal de protesto contra os erros da arbitragem. O Porto venceu então por 3-1.

J. Vasques foi, na verdade, infeliz no seu trabalho. Sinceramente, não duvidamos do seu propósito de imparcialidade mas, não há dúvidas, os seus erros foram numerosos e prejudicaram sempre o Beira-Mar.

Talvez que a sua excessiva preocupação em não cometer erros contra o Porto que é, presentemente, a única equipa que soma mais pontos que o Náutico (grupo treinado por Vasques) tenha desequilibrado as suas faculdades de julgamento.

O que atrás ficou dito, todavia, não justifica nem desculpa a atitude desrespeitosa e anti-desportiva tomada pelo Beira-Mar.

Temos, várias vezes, nestas colunas, acarinhado e estimulado os rapazes de Monte Gordo, mas, desta vez, somos obrigados a manifestar a nossa veemente repulsa pelo triste espectáculo que eles forneceram e pelo mau serviço que prestaram ao torneio.

Antes de terem abandonado o rectângulo deviam ponderar que além do árbitro, existia mais alguém que merecia ser respeitado: O público que pagara; os adversários que não eram responsáveis pelos erros de arbitragem; a Comissão Organizadora que é constituída pelos dirigentes do Lusitano; e, finalmente, a própria colectividade do Beira-Mar, cujo prestígio foi beliscado, com tão lamentável procedimento dos seus próprios representantes.

**NÁUTICO, 3 — CELEIRO, 2**

A'rbítrio: N. Cavém.  
Náutico: César; Ruas, Samúdio e Molarinho; Cipriano e Gregório; Cavaco, Canário, Ezequiel, Amado e J. António.

Celeiro: Vaz II; Ulisses, Ismael e Fernando; Mendes e Pedro; Raimundo II, Gonçalves, Vaz I, Raimundo I e Mário.

No fim do primeiro meio tempo os «náuticos» venciam por 1-0, com um ponto obtido por Canário que rematou de cabeça um canto apontado por Gregório.

Logo após o reatamento do jogo, Ezequiel alcançou o 2.º tento da sua equipa ao rematar uma avançada bem urdida pelo meio do terreno.

Volvidos 6 minutos, Gregório modifica o marcador para 3-0, na transformação de uma grande penalidade.

O Celeiro, longe de merecer tão severa punição, operou forte reacção conseguindo dois tentos por Vaz I e Raimundo II.

A partida, jogada sempre com grande correcção, ofereceu interesse pelo grande número de jogadas de golfo frente às duas balizas.

Um empate traduziria com mais fidelidade o desenrolar do jogo. Ambas as equipas perderam muitas ocasiões de marcar. O Náutico atacou menos vezes mas quando o fez revelou mais precisão e criou maior perigo.

O Celeiro, porém, teve mais tempo o esférico em seu poder e dominou territorialmente mais. A coragem indomita com que os seus elementos lutaram contra a adversidade e o desportivismo como souberam aceitar uma derrota injusta, tornam o Celeiro credor da nossa viva simpatia e permittem-nos a satisfação de apontar o seu comportamento como exemplo a seguir e como a nota mais aprazível da jornada.

**LUKAY**

**CLASSIFICAÇÃO**

	J	V	E	D	B	P
Porto . . . . .	4	3	1	—	8-5	7
Náutico . . . . .	3	3	—	—	9-3	6
Celeiro . . . . .	4	1	2	1	8-7	4
Atlético . . . . .	4	2	—	2	4-4	4
Flor de Lis . . . . .	4	1	1	2	4-8	3
Lazareto . . . . .	3	1	—	2	5-6	2
Hortalense . . . . .	2	1	—	1	3-4	2
Beira-Mar . . . . .	4	—	—	4	2-7	—

**HOJE:**

às 10,30 horas — Beira-Mar-Celeiro, árbitro José David.

às 15,30 horas — Atlético-Hortalense, árbitro André Roque.

às 17,30 horas — Lazareto-Flor de Lis, árbitro Norberto Cavém.

**"GUADIANA"**

Compra-se colecção ou números soltos deste jornal. Trata-se na nossa Redacção.

**CANTINA DO SINDICATO**

**DOS OPERÁRIOS DA INDÚSTRIA DE CONSERVAS**

Terminou a sua actividade, no corrente ano, a cantina distribuidora de refeições aos filhos dos operários que trabalham nas fábricas de conservas desta Vila, organização que o respectivo Sindicato mantém, graças ao decisivo auxílio financeiro que o Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe de Sotaventado do Algarve, com sede em Olhão, presta para esse efeito.

Beneficiaram desta organização cerca de 350 crianças de ambos os sexos, com frequência escolar, às quais foram fornecidas mais de 10.000 refeições.

No último dia desta simpática e útil obra social, a aluna Ermelinda da Silva Gonçalves, em representação de todas as suas colegas, dirigiu aos organizadores da cantina algumas palavras de agradecimento pelo benefício concedido, o que, apesar da singeleza da sua expressão, impressionou agradavelmente os dirigentes da cantina, pela espontaneidade da atitude da referida aluna.

**EXCELSIOR**

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



**TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL**

Depositária nesta Vila: **MANUEL DA SILVA DOMINGUES**  
Avenida da República-Telefone 12

**EMPREGADO - Precisa-se**

Estabelecimento de mercearias deseja empregado com apresentação, conhecedor de todos os artigos de mercearias finas, e com prática de balcão.

Responder, enviando referências e indicando as casas onde prestou serviços.

Guarda-se sigillio, se estiver empregado.

Respostas a **SANCHES & C.ª, Lda.** — Portimão.

**VENDE - SE**

Prédio, situado na Rua S. João de Brito, 19, composto de 7 divisões, quintal e sobrado.

Tratar com Amália Azevedo, Vila Real de Santo António.

Está triste?  
A vida corre-lhe mal?  
Señte-se predisposto a melancolia?  
**L. X. X. A.**

**"GARA ALEGRE"**

Revista de **BOM HUMOR**  
PUBLICA-SE NOS DIAS 4 E 15 DE CADA MÊS  
Apenas por **4\$00**, obterá boa disposição por **15 dias**.

**A ILVSTRADORA LIMITADA**

Rua de S. Paulo 232  
LISBOA  
TELEF: 25764

**Foto-ZINCO**  
TRICROMIA  
FOTOGRAVURA  
ZINCO-GRVURA  
E  
DESENHO

**SECÇÃO DE CINEMA**

**«O Cerro dos Enforcados»**

Este novo filme português teve, logo de princípio, como primeira classificação, «que não era comercial»... Agora alguns empréstimos reembolsáveis, o Estado deu, dos cofres do país, 500 contos para ele... Efectivamente, parece-me que foi um mau negócio, um péssimo negócio. Ainda que dissessem que era a melhor fita do mundo...

**«O mais feliz dos homens»**

Fomos ver, ao Eden, este novo filme de Yves Ciampi, de quem víramos antes «O Escravo», que tratava o problema dos estupeficientes. Agora, assistimos, em vez de um drama social, a uma comédia genuinamente «à la française», e, pronto, genuinamente «à la française»... Mais nada... Ou por outra: um «viva» à bela vitalidade do cinema francês.

**«Fruto Proibido»**

O sempre alegre e juvenil Fermandel esteve no Monumental em «Fruto Proibido». Maria Olguim disse-nos: «6 extraordinário!» A palavra é traiçoeira muitas vezes, sim, mas as palavras não servem de nada quando estamos diante de obras que se impõem, ainda que seja só pela sua simplicidade erma. Henri Verneuil, o realizador, estudou o problema bem como a direcção dos interpretes, tratando-se, como era o caso, de um filme psicológico e tão profundo que pode tocar a consciência de qualquer um de nós. Não deixem de o ver.

**«Processo contra a cidade»**

No S. Luís, o Luigi Zampa da «Zaragateira» esteve com um filme policial, talvez para dizer que os italianos não têm medo desses temas, em que muitos julgam os americanos mestres. Pois «Processo contra a cidade», mesmo sem tiros e sem facadas, veio demonstrar que eles, os adeptos do cinema ianque, se enganavam. Embora longe de ser uma obra-prima, este filme de Luigi Zampa, com Amadeo Nazzari e Silva-

**FOR VITORIANO ROSA**

na Pampanini, tem grandes motivos de interesse e originalidade, insurgindo-se contra o preconceito da impecabilidade da opinião pública.

**Novos Ciné-Clubes**

No nosso colega «Diário do Alentejo», vimos noticiado que um grupo de adeptos, no qual figuram duas senhoras, aguarda a aprovação dos estatutos do Cine-Clube de Estremoz.

Ora, alvitramos que Vila Real de Santo António levante também o seu cine-club!

Todos os leitores, que se queiram juntar numa comissão organizadora, terão todo o nosso apoio e colaboração, assim como lhes indicaremos tudo aquilo de que precisarem.

**Festivais**

Depois do de S. Paulo, temos agora o de Cannes, que se iniciou no dia 21 de Março. A ele concorrem numerosos países, incluindo os da influência soviética. A URSS apresenta três filmes de longa metragem e todos eles de carácter biográfico. Uma das características do cinema russo é precisamente a sua preferência pelos filmes que exaltam a vida e a obra das suas figuras mais importantes, quer do passado, quer do presente.

**Portugal**

Depois de 1946, Portugal marca o seu 8.º ano de ausência no Festival de Cannes.

**«Visor» afirma**

«E' aos cine-clubes que compete a obra de educação do público e renovação de valores. E' aos cine-clubes que devem ser concedidas — para um melhor cinema português — facilidades, auxílios oficiais, apoio da Cinemateca do S.º N. I. e até, mesmo, do Fundo do Cinema Nacional.»

(Publicado no n.º 11)

**DESSPORTISTAS!!!**

LEVAI A TODA A PARTE A FAMA DO VOSSO CLUBE, USANDO CHAPÉUS COM O SEU NOME E EMBLEMA!!!

**A VENDA NAS BOAS CHAPELARIAS**



Fábrica Condestável  
S. JOÃO DA MADEIRA



**Holland-America Line**



AGENTES GERAIS  
**CARLOS GOMES & C.ª, L.ª**  
15. R. DOS FANQUEIROS - LISBOA  
TELEF. 21143/21789

**SERVIÇO REGULAR MENSAL**

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

**"AKKRUMDYK"**

carrega em LISBOA em 14 de JUNHO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DUIVENDYK» — 18 de Maio

«LOCH GART» — 1 de Junho

# A CRISE DO AZEITE ALGARVIO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

sição química, apresenta todas as propriedades alimentícias dos lipídeos e dos outros elementos bioquímicos, não menos importantes, e um aroma e um gosto que estimulam o apetite e as secreções digestivas.

As lecitinas contidas nos azeites virgens desempenham uma função primordial para o emulsionamento e absorção quilífera.

Por todos estes motivos é que um químico e professor universitário na Argentina, o classifica de *a mais nobre das gorduras empregadas na alimentação humana*.<sup>(1)</sup>

E sendo as qualidades próprias do azeite tais que o impõem ao consumidor, sobre qualquer outro produto similar, parece não ser muito de temer uma maior produção deste óleo vegetal, desde que seja apresentado ao consumidor com o aspecto e sabor do bom azeite genuíno.

É claro que não possuindo o azeite produzido na nossa Província estas qualidades, poderá pôr-se o dilema de saber se valerá a pena cultivar aqui mais oliveiras, pois, devido a um conjunto de factores climáticos e outros, desfavoráveis — sobretudo a conjugação do clima norte-africano com o

clima atlântico — sucede que as oliveiras são atacadas, e quase sempre, mais do que uma vez por ano, por todas as doenças que atacam, isoladamente, as oliveiras de uma ou outra região do País.

Decerto melhoraria a qualidade do nosso azeite, se fosse levada a efeito uma desinfestação colectiva às diferentes pragas que atacam os pomares e campos de cultura do Algarve, como já se estudou. Na opinião do cientista e investigador nosso comproviciário, Dr. Ascensão Mendonça «não é um problema o combate às pragas, pois é uma tarefa para ser tecnicamente realizada por empresa particular, sob a orientação científica e fiscalização do Estado».

A Espanha conseguiu reduzir a 5% as perdas médias anuais de azeite, provocadas pela mosca da azeitona — que é a mais perniciosas das pragas — enquanto que noutros países essas perdas chegam a atingir 60%.

Disto resulta que, sendo a azeitona colhida, já *doente*, da árvore, o azeite produzido no Algarve, em comparação com o azeite das outras regiões do País, é notável pela sua elevada acidez, que se cifra, nas safras e contra-safras de 1941/48, em toneladas, como segue:

Regiões	Até 1°	De 1° a 2°,5	De 2°,5 a 4°	De 4° a 8°	De mais de 8°	Totais
Todo o país	11.463	26.071	12.690	5.690	1.730	57.644
Algarve . .	1	45	160	489	940	1.635

Em conclusão, as perdas em azeite, no Algarve, devido à acção nefasta da mosca da azeitona, se as fixarmos em 30%, abaixam de 9.000 contos por ano o valor do azeite aqui produzido.

Como veremos a seguir, o registo da nossa produção média anual é agora de quase 5.000 toneladas, ou seja cerca de 30.000 contos (v. página 95 dos n.ºs 29/30, de 1955, do Boletim da Junta Nacional do Azeite).

Nas duas safras e duas contra-safras de 1948/52, aumentou o registo da produção do azeite, observando-se a seguinte tonelagem, obtida pela redução da notação estatística de litros em quilos, pela adopção, como na produção de 1941/48, da base média de 1 litro de azeite pesando 915 gramas.

Regiões	Até 1°	De 1° a 2°,5	De 2°,5 a 4°	De 4° a 8°	De mais de 8°	Totais
Todo o país	9.620	30.758	17.137	8.117	2.510	68.142
Algarve . .	0,30	98	419	1.311	1.165	2.991

Como a acidez vai desvalorizar o azeite, segundo uma tabela da Junta Nacional do Azeite, aprovada superiormente, em cerca de 2 vezes a acidez mais 2%, além das despesas de refinação e outros factores, sucede que o azeite algarvio, ou é ingerido pelo produtor com aquele mau gosto que é conhecido, (sobretudo dos que já se habituaram ao paladar do azeite bom) e com os inconvenientes que, para a saúde, da acidez elevada pode resultar, ou, se é vendido ao armazenista ou às refinarias, para lhe baixar a acidez, desodorizá-lo, etc., é desvalorizado consoante a sua maior ou melhor acidez.

Por exemplo: 1 litro de azeite de 1° vale 12\$00 e 1 de 10° vale 9\$20, no produtor.

Daqui resulta que, se se tomar em consideração somente a média anual de 1.000 toneladas de azeite com cerca de 10° de acidez livre, pode calcular-se um prejuízo, para a *lavoura algarvia*, superior a 2.800 contos por ano!!

Sucede, porém, que existe um processo de abaixamento da acidez do azeite, diferente do que é adoptado nas nossas refinarias. O actual sistema procede à saturação dos ácidos gordos livres com lixívia cáusticas, obtendo como sub-produto uma *massa de refinação* que tem aplicação na saboaria, na lubrificação das lãs, na cerâmica, etc., mas por um preço de venda de cerca de metade do preço do azeite ou talvez menos.

O outro processo, o da *distilação dos ácidos gordos pelo vapor de água*, sobre pressão, pelo processo de Bamag-Weckers, produz uma perda de substância de apenas uma vez a acidez, e desta distilação dos ácidos gordos resulta um sub-produto — o ácido oleico — com diversas aplicações (Farmácia, indústria da borracha, etc.) que está a ser importado à razão de 10\$00/Kg., CIF, Lisboa, numa média de 147 toneladas, nos anos de 1951/52.

Dizem os técnicos, e as experiências feitas em Inglaterra, a pedido duma firma portuguesa, com azeites de 20° de acidez, o confirmaram, que na distilação fraccionada separam-se: 1.º os óleos essenciais; depois, os ácidos gordos destilados; e finalmente, o azeite neutro com apenas 1° que pode ainda ser reduzido a menor acidez.

Este azeite, quase neutro, ficou com uma alta receptividade para absorver o sabor do azeite virgem e dos óleos essenciais, assim como as vitaminas que a distilação lhe retirara, conjuntamente com os óleos essenciais.

As vantagens deste processo, sobre o actualmente existente, são, em suma:

a) — completa conservação das características do azeite sob todos os pontos de vista;

b) — redução de perdas e desperdícios até ao próprio teor de ácidos gordos livres, ou seja 1% de perdas, pela tiragem de substâncias em suspensão, mucosidades e impurezas;

c) — obtenção de um sub-produto de valor, em forma de ácidos gordos destilados, caracterizados pela cor clara, bom aroma e alto preço no mercado mundial.

Um cálculo de Contabilidade Industrial, para a desacidificação dos azeites de produção algarvia, levaram-nos à conclusão de que, se existisse uma refinaria no Algarve por este sistema de destilação dos ácidos gordos, poderiam entregar-se à lavoura algarvia várias centenas de contos por ano, entregando-lhe ainda um azeite com um sabor bem acentuado, a que o homem do Sul está habituado, mas sem os inconvenientes que a acidez livre, superior a 1°,5, pode produzir — irritação do tubo digestivo, dificuldade de digestões, possibilidades de ulceração do estômago e, talvez, propiciamente aos processos cancerosos.

A que se deve atribuir a existência de muitas doenças de carácter ulceroso entre a gente algarvia? A certo abuso das aguardentes pelo pescador e pelo camponês? E porque não existe tal epidemia noutras regiões de iguais hábitos alcoólicos, entre os trabalhadores, mas onde os azeites não atingem a elevada acidez livre dos azeites do Algarve?

Como nota final, e para sossegar os proprietários de refinarias de azeites, que têm uma capacidade de laboração 10 vezes superior àquela que actualmente trabalham, parece que a tal refinaria, a instalar, poderia sê-lo pelas refinarias já existentes, aproveitando parte dos seus maquinismos e trabalhando em regime cooperativo.

Uma legislação e comercialização adequadas evitariam a saída de azeite dos lagares, com mais de 1°,5 de acidez livre, ou aquela acidez que fosse julgada menos prejudicial à saúde do consumidor, em troca da azeitona que o lavrador entregasse. Uma cooperação entre a refinaria e os lagares algarvios permitiriam que estes entregassem ao lavrador o azeite de baixa acidez, mas, talvez, sem a redução de preço que a actual tabela impõe.

De resto, há já exemplos no nosso país, como é o caso da indústria do vidro, onde a sua reorganização per-

# Ridendo...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

res da estética pombalina e arrogar-se, com tamanha desenvoltura, a posse dum logradouro público, numa terra que nem era a sua? Atentámos, porém, melhor na fisionomia, e um lampejo acode-nos à mente: — *Tem graça! Com uma cabeleira à Século XVIII, ficaria o Marquês de Pombal inteirinho, à parte o traje. Ora que disparate! Mas enfim, porque não seria um trinetto seu? Pelo menos, o «ar de raça» era idêntico. Aproximámo-nos mais um pouco, e eis que nos acontece o inacreditável.*

— *Desculpe a ousadia, mas acaso será V. Ex.ª descendente do inclito fundador desta vila? — arriscámos.*

— *Num gesto inconfundível, a figura soergue o busto, assesta-nos a luneta e, decisiva, lança-nos a resposta, em ar de quem vergasta impertinente plebeu:*

— *Mancebo, fui, em vida minha, Marquês de Pombal, o primeiro do título, por mereço do Senhor Dom José I, que Deus há. — E curvou-se, em rígida vénia palaciana.*

— *Não me diga que vem do outro mundo...*

— *Errado estás, donzel. À terra retornamos, eu e D. Payo Peres Correia, para visitarmos as nossas respectivas pupilas. De Tavira chegámos, e acabamos agora de percorrer a vila que eu sonhei como a futura «princesa do Guadiana», empório dos Algarves...*

— *E quanto a impressões, sr. Marquês?*

— *Para ser franco, sentimos o mor desprazimento, pois que os progressos que vimos resultam mui aquém dos esperados. Os nossos pósteros podiam ter feito muito mais. Bondam capitais e capacidades, mas parece que o excesso de economia não é só apandio da urbe vizinha...*

— *Um momento, sr. Marquês, interrompemos. — Acha então que pouco temos feito pelas nossas terras? E' verdade que ainda nos faltam a doca de pesca, a biblioteca, o jardim, o infantário, a filarmónica, a escola técnica...*

— *Isso é remoço, vilão? — acudiu, sanhuado, Dom Payo.*

— *Felizmente, o Marquês interveio, serenando os ânimos:*

— *Não vos enfadeis, Dom Payo amigo, que ambas terão a sua. O sol, quando nasce, a todos acalenta, pois tanto os filhotes do Séqua, como também os meus pupilos raianos, hão mister de recta ensinância das artes e ofícios, e não vamos nós outros repetir as picuinhas da «Trombeta do Gilão», em triste despique de prosápias e arremessos quixotescos contra palavras...*

— *Bofé, que razão haveis, Marquês, — obtemperou o Espatário Mestre — Mas heis-de convir que os danos e agravos tornam os homens desconfiados, agressivos e até injustos. A' minha pupila, muito se há lesado, nos seus brios de burgo venerando e azedou por ende. Santa Maria val! Por ela me dóo eu, que ali jaz minha ossada e aos sarracenos a filhei, com meu sangue e de meus cavaleiros!*

— *Ao que, na sua ironia sagaz, Pombal retorquiu:*

— *Verdade seja que os meus pombalinos não podem usar-se de seus forais nem de medievos avoengos. Outrossim, não foi com sangue da moirama que adubei as dunas de Arenilha, mas bacoreja-me, D. Payo,*

mitiu a fabricação do vidro prensado, do que resultou não só fazer baixar a importância deste produto, no valor de alguns milhares de contos por ano, como até ocasionou a exportação de vidro em chapa, no valor médio de 7.110 contos nos anos de 1951/52, o que anteriormente não sucedia.

Em 1948, a Comissão Reorganizadora da Indústria de Extração de Azeite e seus Derivados calculou o valor do azeite que deixou de ser extraído naquele ano, nos lagares antigos, em 94.000 contos, correspondentes a 9.600.000 litros de azeite que ficou nos bagaços. (Vide Boletim da Junta Nacional do Azeite). Por isso, esta Comissão Reorganizadora propôs a modernização dos lagares, o que se tem estado a fazer, com bons resultados também para a qualidade do azeite, até mesmo o do Algarve.

Dentro desta ordem de ideias, julgamos que as notas aqui deitadas devam ser mais profundamente estudadas pelos agrónomos nossos comproviciários e, tanto quanto possível, que fosse dada a solução que o caso requer — a bem do Algarve.

A. de Sousa Pontes

(1) — V. prof. Dr. Pier Giovanni Garoglio. «Tecnologia dos óleos vegetais, com especial referência ao azeite».

# HOMENAGEM AO DR. SOUSA CARVALHO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

da vizinha vila de Castro Marim, e a Praia de Monte Gordo manifestou-se através de um simpático telegrama do sr. Dr. Carlos Picoito. Também não faltaram a Casa do Alentejo e outros organismos regionais. Entre os algarvios ausentes da capital, vimos o sr. Dr. Calazans Duarte, ilustre director da Nacional Fábrica de Vidros da Marinha Grande e o antigo Governador Civil do Algarve, sr. Dr. Antero Cabral.

A Imprensa da capital já deu, no momento próprio, larga notícia do acontecimento, pelo que nos limitaremos a algumas notas complementares. A' festa assistiram a esposa do homenageado, sr.ª D. Isabel Centeno Rocha Sousa Carvalho e sua filha, sr.ª D. Fernanda Sousa Carvalho Medeiros, e o elogio do Conselheiro Sousa Carvalho fizeram-no vários oradores, nos termos mais justos e mais calorosos. Sem que signifique desprimor para os restantes, entendemos que mereceram destaque os brindes dos dois representantes de Castro Marim. O primeiro, o nosso querido amigo sr. José Anastácio Honrado, importante industrial na capital e grande amigo do homenageado, recordou o almoço de despedida que, há mais de trinta anos, dera ao Dr. Sousa Carvalho, na estação de S. Bartolomeu, quando este, tendo ingressado na magistratura, partia para a ilha da Graciosa. Manifestou-lhe, por fim, a sua gratidão por o ter escolhido, quando ele ainda era criança, para seu empregado na Conservatória do Registo Civil de Castro Marim e por ter contribuído, com os seus ensinamentos, para a formação do seu carácter.

O outro representante de Castro Marim, sr. Dr. Armando Drago, louvou o sr. ministro da Justiça por ter praticado mais um acto de justiça, e afirmou que o sr. Conselheiro Sousa Carvalho honrava a magistratura portuguesa e honrava o Algarve. Referiu dois factos que demonstravam a bon-

que o labor esforçado atrás não queda das linhagens, que se arrogam de eternas, só porque algo foram... Também Cartago foi... A questão parecia complicar-se, e derivámos a conversa, perguntando ao Marquês o que deveria fazer-se de mais operante. Mas foi D. Payo quem nos respondeu, em voz de bombardeira:

— *Caso não é de carpir coitas nas gazetas e nanja de parolar em baldel! Mais avisados seriam, fazendo-se de longada todolos varões de honras e cabedais, té aos paços da governança, para ali aduzirem méritos e logremem justo aviamento!*

— *Já tínhamos ouvido bastante, e quisemos finalizar, inquirindo:*

— *Em síntese, qual é a vossa mensagem, para as ribas do Gilão, senhor D. Payo?*

— *O lema do Marquês: «Enterrar os mortos e cuidar dos vivos» — respondeu.*

— *E a minha, para os pombalinos, — prosseguiu Pombal — é a do sublime manchego: «Haz gala, Sancho, de la humildad de tu linaje...»*

— *E agora, voltemos ao empieço, que a manhã está de névoa e a jornada ainda é longa.*

E isto dizendo, divisámos os manes das duas ilustres personagens de antanho, a esfumarem-se em direcção ao cerúleo firmamento, de regresso ao mundo das sombras, enquanto se ouviam, num rádio, as plangências do triste fado rigoroso, que cantava:

«Ai flores, ai flores do verde pinho, Se sabedes novas do meu amigo...»

1954. D. Fuas Magriço

dade, o carácter e as qualidades de trabalho do homenageado, e terminou: «os algarvios estão de parabéns; o foro português está de parabéns e o Supremo Tribunal da Justiça está de parabéns.»

Dignas também de registo, as palavras do sr. Dr. Acácio de Gouveia. Afirmou: «não só Castro Marim que está em festa; não é o Algarve só que está em festa, é o país inteiro. Porque temos a ocupar as cadeiras do Supremo mais um conselheiro? Não! E' porque temos a ocupar as cadeiras do Supremo um homem de bem!»

Já são conhecidas as palavras de agradecimento do Conselheiro Sousa Carvalho. Em todo o caso, reproduziremos algumas que a escassez de espaço da grande Imprensa não permitiu inserir.

Referindo-se ao almoço de Vila Real de Santo António, disse que nunca mais esquecerá essa homenagem do Sotaventado do Algarve. Descreveu a sua vida de escolar e de magistrado e expôs o que tem sido e continuará a ser a sua orientação como julgador, norteado sempre pelos sentimentos de justiça, de bondade e de generosidade. Na pessoa da sr.ª Dr.ª Rita Fuzeta, presente à homenagem, saudou a memória de seu pai, o Dr. Carlos Fuzeta, com o qual muito aprendera de Direito Marítimo. E depois, referiu um caso anedótico ocorrido com ele, quando delegado do Ministério Público no Montijo. Tratava-se de um processo de Imprensa, em que intervinham como advogados os srs. Drs. Cunha e Costa e Ramada Curto. Este último procurou-o certa vez e perguntou-lhe: «Estudou o meu processo?» «Estudei, estudei,» respondeu o Dr. Sousa Carvalho.

«Ainda bem, porque eu não o estudei», observou o Dr. Ramada Curto. Fez-se o julgamento. O processo tinha sido estudado com toda a meticulosidade pelo Dr. Cunha e Costa que, em dado momento, verificando que o Dr. Ramada Curto pouco sabia do assunto, pediu licença para interromper o colega durante as suas alegações e exclamou: «V. Ex.ª é um bom músico de ouvido!» Mas o falecido advogado perdeu a causa e, no final, dirigindo-se ao Dr. Sousa Carvalho, a quem abraçou, disse: «O Ramada não fez mal nenhum; você é que me deitou tudo abaixo!»

Outros factos interessantes referiu o homenageado, o qual terminou as suas palavras, agradecendo a homenagem e afirmando que continuará a ser o mesmo homem que tem sido até agora.

Na sala da Casa do Algarve estava exposto um retrato do sr. Conselheiro Sousa Carvalho, executado pelo pintor algarvio, sr. Luis Garcia Domingues.

Terminada a festa, a mais calorosa até agora realizada na nossa Casa regional, foi descerado o retrato do presidente da direcção, sr. Major Mateus Moreno.

## VENDE-SE

Uma CASA, com todas as comodidades, na Praça Luís de Camões, em Monte Gordo. Tratar no Café Portugal — Vila Real de Santo António.